

Ángel Cappelletti



**A Evolução do pensamento
filosófico e político de Bakunin**

Evolução do pensamento filosófico e político de Bakunin

Ángel Cappelletti

A Evolução do pensamento filosófico e político de Bakunin

Tradução:

Alexandre Santos



GEAPI - Grupo de Estudos Anarquistas do Piauí

<http://www.anarquistas-pi.blogspot.com.br>

geapi.phb@riseup.net

2014

Começaremos a partir de agora a divulgação da tradução de textos cuja temática é Mikhail Bakunin, em comemoração a seu bicentenário. Bakunin é um dos principais pensadores do anarquismo, cuja contribuição é significativa para a compreensão desta filosofia e ideologia política.

É importante ressaltar o déficit de textos, artigos e livros do anarquista russo, não por falta destes, mas de traduções na língua portuguesa. Estima-se que menos de 20% das suas obras estão a disposição do público que fala português, e boa parte ainda não foi sequer estudada. Mikhail Alexandrovich Bakunin, nascido em Premukhino no dia 30 de maio de 1814, ainda tem muito a nos dizer.

A priori, divulgaremos um texto de 1983, reproduzido na revista argentina Polémica, pelo filósofo Ángel Cappelletti, intitulado "A evolução do pensamento filosófico e político de Bakunin". O texto faz um levantamento histórico e filosófico das principais influências de Bakunin ao longo de sua vida. Boa leitura!



30 de maio de 1814 – 30 de maio de 2014.

BAKUNIN 200 ANOS

Ao contrário de Kropotkin, em cujo pensamento não houve mudanças bruscas e radicais (exceto seu afastamento da concepção tradicional do mundo e sua ruptura com a fé cristã), Bakunin teve uma longa evolução, tanto filosófica e religiosa como sócio-política.

Ele pode reconhecer três fases distintas: Nada pode se reconhecer três etapas bem definidas:

1. A etapa idealista metafísica, que vai de 1834 a 1841.
2. A etapa idealista-dialética, que se estende de 1842 até 1864.
3. A etapa materialista, que compreende de 1864 até sua morte, em 1876.

Se prescindirmos os anos de sua infância e adolescência, nos quais Bakunin, ainda filho de uma aristocracia relativamente liberal, educado em universidades do ocidente, recebe a educação própria de todo educando da nobreza da época, e aceita a doutrina cristã de acordo com a interpretação da Igreja Ortodoxa (o que implica o reconhecimento do direito sagrado do czar a governar seu império), pode-se dizer que o seu pensamento desperta por volta de 1834, ou seja, quando tem vinte anos, graças ao contato com a filosofia idealista alemã.

Nicholas Stankevich, poeta e filósofo infeliz, o inicia na leitura árdua de Kant. Através de uma correspondência muito extensa, cujos destinatários principais eram suas irmãs, o jovem Mikhail demonstra um entusiasmo quase sem limites para a filosofia transcendental. Pode-se dizer que, na primeira fase idealista, o Kantismo constitui a primeira sub-etapa. Esta se inicia

com a visita de Stankevich à Premukhino, em outubro de 1835. Bakunin estuda a Crítica da

Razão Pura. No ano seguinte (1836), o entusiasmo metafísico, atingindo níveis místicos, como evidenciado pelas cartas da época, se move até Fichte. É a exaltação da moralidade absoluta, do Eu como criador do mundo espiritual. Aqui está a segunda sub-etapa. Lê o Guia vida feliz e traduz o tratado Sobre o destino dos sábios. Convém advertir que em Fichte, para o qual nenhuma ação pode ser considerada moral se responde um imperativo fora do EU, poderia encontrar já o jovem Bakunin e um germe de sua afirmação anarquista da personalidade como um valor supremo.

Por uma evolução bastante lógica e até mesmo, necessária, de Fichte passa para Hegel (1837). A atitude de euforia metafísica e entusiasmo místico continuam ainda e torna-se mais ardente. É um Hegel romântico, no qual a laboriosa trama dialética importa menos que o âmbito ontológico, de um Hegel feito na medida para quem deseja revolucionar o pensamento sem nada transformar a realidade social e política. Este é, sem dúvida, um Hegel bastante diferente do que cultivam os jovens hegelianos; o Hegel da direita hegeliana, o Hegel quiçá do próprio Hegel, ainda que intelectualmente diluído e minimizado. É a terceira sub-etapa. Lê a Fenomenologia, a Enciclopédia e a Filosofia da Religião. Hegel traduz fragmentos de Marheineke de Göschel (Jeanne-Marie, Michel Bakunin, Une vie d'homme, Geneve, 1976, p. 33).

O Hegelianismo serve naquela época (década de 30) na Rússia como ferramenta intelectual nova, e adequado instrumento para justificar a autocracia czarista. O princípio da racionalidade do real conclui sustentando a racionalidade do Estado e do estado absoluto.

Não há dúvida no Bakunin destes anos, segundo o que pode inferir-se em sua correspondência, o mais rápido toque de crítica social ou política, senão mais uma adesão pelo menos tácita ao status quo. Todo o seu entusiasmo é reservado para a metafísica, o que importa é a espiritualidade transcendente e a infinitude interior. Mais ainda, segundo observa em seus

cadernos hegelianos (citado por Carr), acredita que "não existe o mal, o bem está em toda parte.

O único mal é a limitação do olho espiritual. Toda a existência é a vida do Espírito, tudo está penetrado pelo Espírito, nada existe além do Espírito, o Espírito é o conhecimento absoluto, a liberdade absoluta, amor absoluto e, portanto, a felicidade absoluta".

A segunda etapa ou época da evolução do pensamento de Bakunin começa com a sua viagem a Berlim, para fazer ali os cursos universitários de filosofia, ou melhor, dizendo, com a sua saída de Berlim em 1842.

Em 1840, o jovem aristocrata, que teve sérios conflitos com seu pai e renunciou à sua carreira militar, preferindo ser soldado de baixa patente da filosofia alemã ao invés de oficial de artilharia russa, inicia o contato direto com importantes figuras do idealismo. Não chega a se tornar um discípulo de Hegel, cujo qual já não leciona mais em Berlim, mas assiste as aulas Schelling, um dos três principais da filosofia pós-kantiana. Alguns historiadores sugeriram a possibilidade de que na sala de aula de Schelling, encontraram-se juntos em um momento dado, Bakunin, Stirner e Kierkegaard.

O ensino do velho filósofo, cada vez mais inclinado à mitologia e a teosofia, parece ter decepcionado as expectativas do ardente russo. Depois de um ano e meio aproximadamente, se cansa e decide abandonar os cursos universitários. Apesar de seu propósito inicial, para ir a Berlim, era o de completar seus estudos lá até o doutorado e em seguida, retornar à terra natal para ensinar filosofia na Universidade de Moscou, tal propósito é inteiramente esquecido.

Disse E.H. Carr (Bakunin, Barcelona, 1970, p 120.): "O processo de metamorfose da rebelião doméstica em rebelião política que ocorreu em Bakunin na Alemanha de 1842 pode ser descrito nos termos simples da

literatura e da filosofia germânica. Bakunin, junto com a maioria de seus compatriotas contemporâneos, tinha estado sujeito - antes de seu traslado para a Alemanha - a duas importantes influências teutônicas: O romantismo alemão e a filosofia de Hegel. Quando chegou a Berlim, em 1840, essas influências seguiam desfrutando do maior apoio por parte dos alemães, e o ambiente intelectual que encontrou na Alemanha não era em essência diferente (ainda que, talvez, em nível mais elevado) do que havia deixado na Rússia. O primeiro ano de sua permanência em Berlim representou o final do seu período russo mais que o princípio de seu período europeu.

No ano de 1842, depois de sua viagem a Dresden, se inicia, pois, a segunda etapa da evolução do pensamento de Bakunin.

Como iniciador da primeira etapa foi Stankevitch, o segundo foi Ruge.

Este, que também exerceu forte influência sobre o jovem Marx, era uma espécie de porta-voz do da esquerda hegeliana através de seu jornal *Hallische Jahrbu Cher*.

Na verdade, chamados de "jovens hegelianos" eram radicais, dedicados sobretudo a crítica da cultura e da religião, para o qual se valiam do método dialético de Hegel, desestimando seu sistema metafísico. Não negavam que todo o real é racional, mas insistiam em enfatizar a ideias de que o mais real é o tornar (o que é produzido de acordo com um ritmo dialético), pelo qual a realidade (e, portanto, a racionalidade) deve ser concebida como uma perpétua transformação e nada é menos real do que a estagnação e a perpetuação do status. Assim, converteram o Hegel histórico que, pelo menos em seus últimos anos, se demonstrou um pensador altamente conservador e reacionário, em um verdadeiro filósofo da revolução. A dialética, nas mãos dos jovens hegelianos, se constitui assim como um aríete contra a tradição, a monarquia, a Igreja, o feudalismo, o Estado.

Sob o pseudônimo de Jules Elysard, o jovem russo publica o seu primeiro ensaio importante, *A reação na Alemanha*, um exemplo típico da literatura da esquerda hegeliana, e de acordo com Carr, “escrito mais conveniente e solidamente fundamentado que saiu da pena de Bakunin”.

Com esta obra conclui a primeira sub-etapa do segundo período do pensamento de Bakunin, ou seja, a época em que é um membro da esquerda hegeliana strictu sensu. Deve ter-se em conta, entretanto, que no sentido geral segue sendo um dialético durante todo o segundo período, ou seja, durante vinte anos mais, ainda quando as referências explícitas a Hegel e a dialética sejam mais raras. Feuerbach, a partir daqui, nunca deixa de estar presente.

Assim como a primeira etapa juvenil, metafísica, que se desenvolveu na Rússia, pode denominar-se a etapa conservadora, do ponto de vista político-social (mesmo que se tratasse de um conservadorismo implícito) assim a segunda etapa inteira (já na Alemanha, já na França, já novamente nas prisões russas ou no exílio siberiano), que no filosófico se caracteriza por uma dialética bastante idealista, deve ser chamada no aspecto sócio-político, o período democrata-socialista.

A segunda sub-fase deste segundo período começa com a leitura do livro de Stein, *O socialismo e o comunismo na França contemporânea*, através do qual se põe em contato com as ideias de Saint-Simon, Leroux, Fourier e Proudhon. Quase ao mesmo tempo conhece o poeta Herwegh, quem o relaciona, por sua vez, com o movimento "da jovem Alemanha" e lhe apresenta a George Sand. Na verdade, é o momento de descoberta da cultura e do espírito francês para Bakunin. Durante sua permanência na Suíça conhece, no entanto, a obra, o pensamento, e mais tarde, a própria pessoa de G. Weitling, alfaiate, filho natural de um soldado francês e uma donzela alemã que de certa maneira representa a síntese das duas nações que sucessivamente mais admirou Bakunin: Alemanha e França. O livro de Weitling, intitulado

Garantias da Harmonia e da Liberdade (1842), defendia um comunismo que quase poderia chamar-se "anárquico", posto que, segundo ele, na sociedade ideal o governo é substituído pela administração e a lei pela obrigação moral. Em Paris, em 1844, conhece Lamennais e Leroux, Considerant, Cabet, Blanc, ou seja, o alto escalão do socialismo utópico. Mas conhece, acima de tudo, os dois homens que mais influirão na formação de seu pensamento definitivo e maduro, Karl Marx e Pierre Joseph Proudhon (um alemão e um francês, vale a pena lembrar), o primeiro como o polo negativo e o segundo como o lado positivo da sua atividade intelectual.

De qualquer forma, apesar de tudo o que aprende e de toda admiração que expressa por eles, não se pode dizer que Bakunin seja nestes anos marxista nem proudhoniano. Sua ideologia, um tanto difusa, corresponde melhor ao ambiente romântico democrata-socialista que precede a revolução de 1848 e, em termos muito gerais, a um idealismo ético-social cada vez mais distanciado na forma e na linguagem do idealismo dos jovens hegelianos, embora não inteiramente distante. Não sem razão, seu amigo e escritor Russo Belinski escreve sobre ele neste momento: "É um místico nato e morrerá sendo místico, idealista e romântico, porque tendo renunciado a filosofia não significa que tenha mudado de gênio". (citado por Carr).

A terceira sub-fase do segundo período, que começa com sua viagem para a Alemanha e sua assistência ao Congresso eslavo realizado em Praga, em Junho de 1848, caracteriza-se pela aparição (ou talvez se deva dizer, por ressurgência) do nacionalismo eslavo e do pan-eslavismo. As posições filosóficas permanecem as mesmas, ainda que cada vez mais fique mais implícitas, e tampouco negam os ideais democráticos e socialistas.

A diferença de muitos líderes políticos dos povos eslavos sujeitos a Turquia, que veem no império russo a única força capaz de libertá-los do jugo muçulmano e que, por conseguinte, não tem objeções contra a autocracia

czarista, Bakunin insiste, como os membros da Jovem Alemanha e como quase todos nacionalistas da época, em vincular o nacionalismo com a democracia. A luta essencial e a contradição básica se produz, segundo Bakunin e esta maioria de democratas nacionalistas, entre dinastia e pátria, entre Rei e nação, entre soberania do monarca e soberania do povo. Em termos políticos é a luta de um indivíduo (O monarca) e uma pequena minoria (os nobres) contra uma imensa maioria (o povo). Em termos éticos é nada menos que a luta entre o vil egoísmo e a generosa amplitude. "Pátria" é não somente liberdade mas também igualdade e fraternidade. Em contrapartida, neste momento, depois do fracasso da Revolução de 1848, se define já claramente sua atitude antiburguesa. Como se vê no Chamado aos eslavos, a burguesia constitui para ele uma classe essencialmente contrária a revolução, enquanto que os chamados a realizá-la são camponeses (classe sem dúvida amplamente majoritária no solo russo e os países eslavos, mas em toda Europa.

Desde maio de 1849 até agosto de 1861 permanece primeiro preso na Saxônia, depois na Áustria, logo na Rússia e, por fim, confinado na Sibéria. Sua atividade literária (se excetua a Confissão ao Czar) é praticamente nula durante toda esta época. Podemos inferir, sem dúvida, que ao chegar a Londres no ano de 1861 trai as mesmas ideias e propósitos que quando foi apreendido em 1849, posto que quase imediatamente se põe a conspirar em prol da liberdade da Polônia e trabalha na preparação de uma expedição a este país. Parece que, durante doze anos, seu pensamento tenha sido congelado, um fato que não é difícil de explicar quando se tem em conta que a mente de Bakunin necessita de um estímulo dos fatos sociais para funcionar e para modificar a realidade, uma mudança importante - de fato, o mais importante de todos, posto que o conduz até sua forma última e mais característica - só se dá quando, fracassada a expedição à Polônia, Bakunin, desiludido com os

nacionalistas polacos, se distancia também de todo nacionalismo, embora não sem pagar um tributo de admiração a Garibaldi, libertador da Itália, visitando-o em Caprera, no início do ano de 1864.

A terceira e última etapa de seu desenvolvimento intelectual começa pouco depois, em Florença, onde se encontra estabelecido. Caracteriza-se pelo materialismo e ateísmo no filosófico, o coletivismo em termos económicos, pelo anarquismo no política.

Fácil é advertir que esta evolução de Bakunin tem um sentido inverso a que ocorre com a maioria dos pensadores e militantes sociais ou políticos. Enquanto a maior parte dos que mudam e evoluem muitas vezes movem-se para a esquerda, a direita, o culto à revolução (ou, pelo menos, o reformismo) a reação e ao conservadorismo, ao passar da juventude para a idade madura e velhice, Bakunin passa, precisamente ao revés, desde o conformismo tradicional de sua adolescência até o anarquismo revolucionário dos últimos anos, do idealismo metafísico ao materialismo ateu ou antiteísta.

A terceira e última etapa da evolução do pensamento de Bakunin poderia ser subdividido, como os dois anteriores, em três sub-etapas:

A florentina (1864-1.865). A Napolitana (1865-1867). A suíça (1867-1876).

Aqui é sentido, por uma parte, a influência de Proudhon e Marx, por outro lado, o cientificismo materialista da época. A primeira sub-etapa pode ainda ser considerada como um momento de transição. O ateísmo, ou melhor, o antiteísmo já está claro. Escreve então: "Deus existe, portanto, o homem é seu escravo. O homem é livre, portanto não há Deus" (citado por Carr).

Não é difícil notar, além disso, que o ateísmo e materialismo em todo o último período não estão livres da influência da dialética hegeliana. A sombra desta persiste em Bakunin até o fim. E o seu materialismo, que, por contraste

com Marx e Engels, muitas vezes chamado de "mecanicista", não deixa de ser também, em alguma medida, dialético. Igualmente, no terreno político, durante a primeira sub-etapa florentina, persistem algumas ideias e posturas nacionalistas. Diz E.A. Carr:

“O entusiasmo para o nacionalismo italiano foi pensado por um momento que iria compensar a decepção sofrida pelas aspirações polonesas. Mas ele logo percebeu que foi uma compensação falsa. A vitória do nacionalismo, longe de trazer-se após a vitória da revolução, sequer arranhou a questão social. Uma vez liberada, no lugar de superar as demais nações em “prosperidade e grandeza”, a Itália as superou somente em mendicância. Os principais dirigentes políticos foram perdendo sua veia revolucionária. Nem Garibaldi nem Mazzini tinham nada de revolucionários. Em sua perseguição de um ideal estavam conduzindo da maneira mais irresponsável, o mesmo que o outro lado. Se estava aproximando a hora em que os revolucionários de todos os países se veriam obrigados a defender seus postulados ante a retórica patriótica-burguesa ‘daqueles figurões’”.

Na realidade, como acrescenta o citado historiador: “O Catecismo Revolucionário é o primeiro documento em que se proclama a renúncia do nacionalismo como fator revolucionário e em que aparece delimitado claramente o credo anarquista de Bakunin”. Mas nem sequer aqui mostra todas as consequências lógicas desse credo. Não há negação radical do Estado e nem uma rejeição categórica do parlamentarismo.

Em Florença, Bakunin funda uma fraternidade que, segundo Woodcock, “passou para a história como uma organização nebulosa”, concebida como “uma ordem de militantes disciplinados, entregues a propagação da revolução”.

O sub-etapa napolitana é refletida no citado Catecismo Revolucionário, que Bakunin escreve aos membros da outra organização, mais sólida e mais definitivamente anarquista em seu programa: A Fraternidade Internacional. Esta é a favor do federalismo e da autonomia comunal no político, do socialismo ou o coletivismo no socioeconômico, e declara impossível a revolução sem uso da força, ainda que em sua organização interna revele uma estrutura hierárquica e, como anota Woodcock, põe “uma ênfase nada libertária na disciplina interna”.

Se a sub-etapa florentina pode ser considerada como a transição entre o nacionalismo e o anarquismo, a segunda, napolitana, deve ser caracterizada como a do federalismo coletivista ou socialismo anárquico incipiente, não inteiramente estranha às ideias que, de um ponto de vista lógico, são incompatíveis com o anarquismo, não totalmente desprovido de contradições e hesitações.

No final deste período, a intervenção pessoal de Bakunin no Congresso pela Paz e Liberdade, de Genebra, onde a princípio é muito bem recebido por Garibaldi e pela elite do liberalismo europeu, serve para mostrar a esta mesma elite intelectual e a Europa inteira, que o lutador russo já está além do liberalismo e da democracia e, definitivamente, passou para o campo da revolução social.

A terceira sub-fase, que ocorre em sua maior parte na Confederação Helvética, e se estende a partir deste Congresso, em 1867, até a morte, em 1876, pode ter-se como a época da consolidação do materialismo ateu, do coletivismo e do federalismo, isto é, da concepção anarquista de Bakunin.

Este período corresponde à fundação da Aliança Internacional da Democracia Socialista, cujo programa, como aponta Woodcock, é mais explicitamente anarquista que o da Fraternidade Internacional napolitana, e

mostra a influência da Associação Internacional dos Trabalhadores. No início desta última sub-etapa de sua evolução ideológica e de sua vida, Bakunin escreve uma de suas obras mais orgânicas e representativas: *Federalismo, Socialismo e Antiteologismo*. Nela o mesmo título revela o programa e sintetiza o pensamento de seu autor:

No político, a abolição do Estado unitário centralizado, que deve ser substituído por uma federação de comunas livres e livremente federadas entre si.

No econômico, a socialização da terra e dos meios de produção, que terão de passar das mãos dos latifundiários e capitalistas às comunidades de trabalhadores (não ao Estado).

No filosófico, o materialismo baseado nas ciências da natureza e negação de toda divindade pessoal e de toda religião positiva.

O primeiro argumento é dirigido contra todas as ideologias de governo propriamente dito, mas especialmente contra o nacionalismo, que pretende uma república unitária, com Mazzini. O segundo ataca em geral a sociedade burguesa e capitalista, mas de um modo particular aos ideólogos que se conformam com a independência nacional e a democracia política, esquecendo a desigualdade social, a miséria popular, a exploração dos trabalhadores. A terceira impugna toda cosmovisão teísta e espiritualista, mas quer refutar de um modo direto as ideias religiosas de Mazzini e da “Falange Sacra”.

Entre os três princípios, federalismo, socialismo, e antiteologismo encontra Bakunin um vínculo de interna solidariedade. Não se trata, para ele, como para Marx, de notar uma estrutura e uma superestrutura na sociedade. Não se trata de acabar primeiro com o capitalismo, para que ao fim se derrubem também o Estado e a religião. Trata-se, sim, de enfrentar a um

único inimigo que tem três cabeças (três cabeças horrendas, por certo, segundo ele as vê): A propriedade privada (que é a sem razão e a prepotência econômica), o Estado (que é sem razão e a prepotência política) e a religião (que é sem razão e a prepotência. A vinculação entre os dois últimos se faz particularmente clara em outro escrito editado com o título de Deus e o Estado, depois da morte do seu autor, “é a luta contra Deus o que condiciona todos os combates contra o poder político: Resulta impossível abater o poder temporal, sem demolir ao mesmo tempo a religião. Toda a violência do ateísmo de Bakunin deriva desta razão”. (H. Arvon, Bakunin, Absoluto y Revolución, Barcelona, 1975, p. 55). Este ateísmo está sob o signo de Feuerbach e Proudhon, autores cuja influência sobre Bakunin remonta, como vimos, etapa anterior.

Período idealista metafísico (1835-1841)	Idealismo Transcendental (Kantiano) - 1835
	Idealismo Absoluto (Fichteano) - 1836
	Idealismo Absoluto (Hegeliano) - 1837
Período idealista dialético (1842-1864)	Esquerda Hegeliana - 1842
	Democracia Socialista - 1842-1848
	Nacionalismo democrático (pan-eslavismo) - 1848-1864
Período materialista (1864-1876)	Transição do nacionalismo ao Anarquismo - 1864-1865
	Início do anarquismo e do materialismo - 1865-1867
	Anarquismo coletivista e ateu - 1865-1876

